

Eppur si muove: reflexões sobre a mobilidade do signo em “Heisenberg Me Olha”, de André Carneiro

Lilian Rocha de Azevedo¹

Resumo: O trabalho tem o objetivo de analisar o modo como se instaura a noção de movimento no poema “Heisenberg Me Olha”, de André Carneiro, com base nas reflexões teóricas de Aguinaldo Gonçalves (2011) sobre modulação. Modular é motivar o signo, esvaziá-lo e, em seguida, transformá-lo, movendo-o da esfera dos objetos comunicativos para o universo da expressão e da invenção estética. Esse procedimento é o fator que garante o dialogismo da obra de arte, que se instaura pelo trabalho interno com a linguagem. Assim, apesar da imobilidade que tendemos a impor às coisas que nos cercam, quando obedecemos a procedimentos responsáveis pela construção da imagem que singulariza o objeto conhecido, a mobilidade se evidencia. No poema analisado, o autor vale-se da Física Quântica e de reflexões sobre a própria linguagem para construir um objeto verbal que lida com o Princípio da Incerteza, dispendo semas que orbitam outros semas e se chocam, gerando novas cadeias de sentidos. Como partículas físicas, os semas movimentam-se, representando a própria mobilidade do signo.

Palavras-chave: Modulação. Heisenberg Me Olha. Mobilidade sígnica.

Abstract: The work aims to analyze the way in which a notion of movement is posed in the poem “Heisenberg Me Olha”, by André Carneiro, based on the theoretical assertions of Aguinaldo Gonçalves (2011) on “modulação” [modulation]. To “module” is to motivate the sign, to empty it, and after that to transform it, to move from the sphere of communication to the universe of expression and aesthetic invention. This is the factor that guarantees the dialogue of the work of art, which is established by an internal work with the language. Therefore, despite the immobility that tends to impose the things that surround us, when we obey procedures responsible for the construction of the image that singularizes the known object, mobility is evident. In the poem analyzed, the author uses Quantum Physics and reflections on language to build a verbal object that deals with the Uncertainty Principle, placing semes that orbit other semes and clash among themselves, generating new chains of meanings. As physical particles, the semes move, which represents the mobility mobility of the sign.

Keywords: Modulation. “Heisenberg Me Olha”. Mobility of the signs.

¹ Universidade Federal de Rondônia. Discente do Mestrado em Estudos Literários, no qual desenvolve pesquisa sobre a escrita de André Carneiro, com bolsa financiada pela Capes. Email: lilianrazevedo@outlook.com.

Introdução

Eppur si muove (no entanto ela se move). Diz-se que o físico Galileu Galilei murmurou essa frase depois de ter sido obrigado pela igreja a abdicar a sua tese de que a terra se move em torno do sol. A frase ficou marcada e serve bem para representar o espírito transgressor da ciência, e, acrescentemos, da arte. Um exemplo da transgressão tão característica desta última, e de alguns autores, é o entrecruzamento de gêneros, que no período clássico eram considerados imutáveis. Esse transbordamento de formas é o que André Carneiro constantemente realiza em suas obras, como em “Heinsenberg Me Olha”, que poderia ser lido como um texto híbrido, já que flerta com um tema comum à ficção científica, a Física Quântica. Mas, no poema em questão, esse tema se torna o motivo condutor de um discurso metalinguístico.

A carreira artística de André Carneiro pode ser considerada eclética, pois foi poeta, fotógrafo, cineasta, artista plástico, publicitário, crítico, entre outras atividades. Entretanto, a poesia, segundo o próprio autor, é a parte mais importante da sua criação artística, a sua realização maior. Carneiro é incluído historicamente como integrante da Geração de 45, terceira fase do modernismo brasileiro. Mas de acordo com Duarte (1996), Carneiro demarca um caminho próprio pela visão evolutiva do modernismo e é incluído como poeta dessa geração, mas segue sem que isso determine, limite, ou trace o seu caminho.

Esse caminho é múltiplo, não apenas pelas várias artes em que o poeta transitou, mas principalmente pelo entrelaçamento de temas e formas que ele cria. Carneiro comumente mescla, tanto na prosa quanto na poesia, estruturas de diversos gêneros literários, como, por exemplo, o fantástico e a ficção científica. Além disso, em seu livro *Introdução ao estudo da Science Fiction*, o autor chega a declarar que “seria fácil achar parentesco entre a poesia e os enormes horizontes da S.F. [ficção científica], com sua liberdade criadora, sua posição de antena sensível a perscrutar o futuro. [...] embora [a poesia] não possa suportar essa denominação tão prosaica, deslocada e antipoética” (CARNEIRO, 1986, p. 104). Além dessas, outras características marcantes da sua obra são o apuro com o trabalho linguístico, a objetividade dos temas e a problematização de questões humanas.

1 - Modulação: a construção da mobilidade

Como dissemos anteriormente, em “Heisenberg me olha”, Carneiro vale-se da Física Quântica e de reflexões sobre a própria linguagem para construir um objeto verbal que lida com o princípio de incerteza. De acordo com Valéry (1991, p. 210), o material de trabalho de um poeta é a linguagem. Contudo, esse material não existe para servir exclusivamente à sua arte. Trata-se de um bem comunitário, uma “coleção de termos e de regras tradicionais e irracionais, extravagantemente codificados e diversamente ouvidos e pronunciados”, algo que o poeta toma emprestado à voz pública, transgredindo-o à medida que lhe dá um uso específico e particular. Esse bem coletivo, que o teórico e poeta francês classifica como “uma mistura de excitações auditivas e psíquicas perfeitamente incoerentes” e à disposição de todo falante como soma de sinais depositados (à sua revelia) em seu cérebro, é a matéria bruta do escritor, a sua “língua primeira” que precisará ser convertida a um código, cujas regras e modo de uso serão uma prerrogativa do escritor.

O uso estético da linguagem, portanto, é o que distingue o discurso literário do discurso da comunicação social, ou no caso do poema em análise, de um discurso científico. Se a linguagem de comunicação procura dar conta do mundo concreto por meio de uma expressão substantiva e referencial, o discurso literário apreende o mundo e o comunica de maneira simbólica. Desse modo, cabe ao escritor engendrar um conhecimento intuitivo, individual, simbólico da realidade, por meio de uma expressão original – forma ou discurso literário – cujo valor, independência e poder inventivo dependerão do talento de cada artista.

Essa inventividade artística e o trabalho com a linguagem são o que vão definir o nível de modulação da obra, construída no ato criador. Aguinaldo Gonçalves (2011) concebe o ato criador em três instâncias: *composição*, *realização* e *modulação*. A primeira instância, a *composição*, consiste no incômodo do artista perante aquilo que se há de realizar. É o que motiva a criação. Nessa instância, é criado o delineio do que virá. A segunda instância é a reinvenção do mundo, a representação. Nela, o que era delineio começa a se transformar através de “códigos de linguagem, procedimentos técnicos de colagem” (GONÇALVES, 2011, p. 28). A última instância, a menos descritível, indica o grau de poeticidade da obra. Na modulação, o signo é esvaziado (passa por um intenso trabalho de “eliminação”, deslexicalização), para depois ser recuperado e preenchido. De acordo com o crítico, “modular é ajustar o tom da obra. Incorporar o universo semissimbólico no espaço da tela e relacioná-lo aos signos que foram sendo inseridos na instância anterior” (GONÇALVES,

2011, p. 28). Sendo o signo tomado como “matéria crua de construção”, a modulação é a motivação deste, o seu completo esvaziamento, a sua transformação de objeto comunicativo para estético.

2 - Mobilidade em *Heisenberg Me Olha*, de André Carneiro

Os textos de Carneiro não têm um referente imediato, pois o poeta sempre limita o vínculo com a realidade tangível (DUARTE, 1996). Entretanto, sabemos que toda obra de arte é composta em um universo que a emoldura, caso contrário, cairia na anulação. Assim, sempre haverá um constante diálogo entre o conteúdo extratextual e o conteúdo intratextual, e é a partir da conflituosa relação entre ambos que se moverá os sentidos construídos pelo texto. Segundo Gonçalves (2010, p. 9), “independente da modalidade expressiva, sempre haverá o procedimento de emolduragem, sem o qual cairíamos num ofuscamento das referências e dos signos no ato de leitura do mundo”. Entretanto, há que se entender que uma vala se estende entre a vivência do artista e o laboratório da linguagem no ato da criação (GONÇALVES, 2011). Assim, a modulação é a motivação do signo – o seu completo esvaziamento (desreferencialização), a sua transformação de objeto comunicativo para objeto estético. Considerando isso, delinearemos uma leitura do poema de Carneiro.

Heisenberg Me Olha

Fraco, sensível, covarde,
quero benevolência
na verdade meio torta.
O trajeto dissolve a memória,
distância engole fatos,
desmaio e volto
na torrente variável do vento.

Felicidade inclui o rito,
lixo unhas, lustro uvas geladas,
o seio, fruta fresca, engulo inteiro.
Amor é pássaro cego,
mergulha na dúvida
respirada todos os momentos.

Combino mecânica quântica
e a gravidade.
Sigo a partícula no espaço-tempo,
descubro a hora imaginária.
Heisenberg me olha
cheio de incertezas.
Que barro foi usado

na escultura da alma?

Jogo o tarô das palavras
molhadas em suor e lágrimas.
O corpo respira oxigênio,
vírus e vampiros sonham
com sangue e carne humana.
(CARNEIRO, 2007, p. 135)

O título do poema é o ponto que o desencadeia, pois traz o nome de Werner Karl Heisenberg, físico alemão, que teorizou sobre o Princípio da Incerteza, um construto teórico da Física Quântica que tem por base o fato de não se saber qual o deslocamento exato feito pelas partículas subatômicas. Assim é impossível medir simultaneamente a velocidade e a posição dessas partículas, o que impede a definição da sua localização no espaço, o trajeto percorrido, o tempo determinado, além da direção, pois a observação gera um choque entre elas e as altera. Ou seja, o Princípio da Incerteza trata da indeterminação das partículas subatômicas (ROAS, 2014, p. 79).

De acordo com Gonçalves (2011), ter consciência do processo de modulação é reconhecer que a obra de arte se constitui como um procedimento desconstrutivo da condição biunívoca do signo (significante/significado). Considerando isso, podemos propor que, ao invocar o nome do físico alemão, o poema tem como motivo condutor o princípio desenvolvido por Heisenberg, mas a incerteza agora reside na condição do poeta diante do universo das palavras. Aliado a isso, a escolha do verbo “olhar” traz a dubiedade de algo que não foi totalmente apreendido, afinal “olhar” não significa propriamente enxergar e compreender. Essa incerteza pode sugerir o embaraço do compositor ao se debruçar sobre as partículas-palavras, que diante da sua observação alteram-se em seus sentidos, impossíveis de serem totalmente apreendidas. Mas também podem sugerir a sensação do leitor, diante do poema, tentando capturar sentidos, mas se vendo atônito em meio ao deslocamento das partículas sígnicas.

Essa instabilidade ganha maiores contornos nos três primeiros versos, mas agora ressaltando a debilitada condição humana. “Fraco, sensível, covarde, / quero benevolência / na verdade meio torta.” O primeiro destaque é a fraqueza humana. Em contraste a isso, está a sensibilidade, que é a capacidade de sentir e de sofrer transformações. Completando uma tríade descritiva do eu lírico, está o sema “covarde”, predicado concedido àquele que sente temor. Vê-se assim um eu lírico consciente da sua incapacidade diante do poema e que busca

benevolência, mas também está consciente de que uma solução não existe, já que a verdade se mostra certa.

O trajeto dissolve a memória,
distância engole fatos,
desmaio e volto
na torrente variável do vento.

Nesses versos, ainda tratando do mundo da criação artística, a “memória” pode simbolizar tanto a memória voluntária, que deve ser destruída no trajeto da composição, já que os signos devem ser esvaziados, quanto a memória involuntária, ligada à criação. Logo, o trajeto da criação não é feito de referências, mas de suor e lágrimas (v. 23). Os versos seguintes da primeira estrofe, sugerem o movimento, assumido pelo eu lírico, de distanciamento da realidade. Assim, para compor, ele entraria nos fluxos de criação (“torrente variável do vento”), mantendo uma oscilação entre fantasia/devaneio (“desmaio”) e realidade (“volto”). Nessa oscilação, memórias são dissolvidas, desmembradas e os fatos são deglutidos, pois no poema o que sugere referencialidade e exatidão não tem vez. Tudo isso ocorrendo no fluxo do vento, esse fenômeno formado por variações, que estão presentes no poema e na observação das partículas-átomos que o compõem.

Felicidade inclui o rito,
lixo unhas, lustro uvas geladas,
o seio, fruta fresca, engulo inteiro.
Amor é pássaro cego,
mergulha na dúvida
respirada todos os momentos.

Nessa estrofe, a poesia evidencia-se como algo que precisa ter as arestas aparadas: “Lixo unhas, lustro uvas geladas”. Esse verso também pode ser lido como uma metáfora da modulação e do esvaziamento do signo. Na estrofe, há uma erotização do ato da escrita, “seio” é uma metáfora erótica de “uva”, e ao ser engolido inteiro denota intensidade e desejo. O poema traz, além do aspecto erótico, um traço sexual frisado pela violência. Há algo de perversidade e masoquismo nas imagens de unhas afiadas e seios como frutas engolidas

inteiras. Contudo, também há um misto de ironia e perversão. Ironia porque o prazer “inclui um rito”, quase um *script* que vai determinar o tipo de relação em jogo.

Há, no poema de André Carneiro, uma opção pela busca do prazer sem obstáculos. Na metáfora “O amor é pássaro cego”, existe um ato camicase, em que se vai aos limites da pulsão de vida e de morte, em busca do prazer. Há uma avidez, uma força, uma violência de como as coisas se dão. O “eu” não quer sorver a fruta. Ele quer engoli-la inteira. Sobre as metáforas eróticas encontradas na poesia do autor, Duarte (1996) afirma que o poeta trabalha o jogo do desejar e do querer levado pela ideia de concupiscência, “cujo exercício de desejar remete sempre à possibilidade de transgredir, valorizando mais o trajeto da conquista que o alvo atingido, assim vale mais para o poeta o exercício libidinoso da escritura que a mancha tipográfica estampando o papel” (DUARTE, 1996, p. 82).

Em “Amor é pássaro cego / mergulha na dúvida”, existe um jogo com os sentidos de morte e amor. Em André Carneiro, “o amor faz alusão à morte”. A vida, aliás, pressupõe a morte, que é um entrever/vislumbrar da vida: morre-se de amor para viver um grande amor; morre-se de prazer para viver a plenitude do prazer. Duarte considera ainda que, em André Carneiro a sexualidade implica a morte, pois ela faz vislumbrar a vida do ser que se reproduz. “Reproduzir-se é desaparecer, deixar de ser aquele que era e tornar-se duplo” (DUARTE, 1996, p. 81).

O poema é uma construção, uma encenação, uma representação do mundo. Quando o poeta compõe, ele está reproduzindo a si – pois o ser do poeta também está no poema – e ao mundo. A figura do pássaro simboliza liberdade. “Mergulhar” sugere a ideia de um sujeito desejante e ativo (DUARTE, 1996, p. 82). Esse querer é “recorrente na obra do autor”, traduz “o sentido de morte”, mas também de vida, num processo de transformação ou “destruição/construção”.

Combino mecânica quântica
e a gravidade.
Sigo a partícula no espaço-tempo,
Descubro a hora imaginária.
Heisenberg me olha
cheio de incertezas.
Que barro foi usado
na escultura da alma?

A terceira estrofe começa com o contraste da combinação de uma teoria da física, “mecânica quântica”, e uma das forças fundamentais da natureza, a “gravidade” – descrita de maneira precisa pela Teoria da Relatividade. Entretanto, a Mecânica Quântica e a Teoria da Relatividade são mutuamente incompatíveis (ROAS, 2014, p. 82). Além disso, o sema “alma” contrasta com o sema “corpo”, da estrofe seguinte (v. 24), salientando mais uma vez a combinação de signos dissonantes, que, como as partículas subatômicas, chocam-se entre si, gerando sentidos. A partícula seguida no espaço-tempo é a mesma que está presente em todo o poema, já que tudo nele são partículas que o eu lírico tenta alcançar. Aliás, novamente manifesta-se a imagem de Heisenberg “cheio de incertezas”, numa reiteração do título. Por último, confluindo para a dissonância, há o discurso indireto livre nos dois últimos versos da terceira estrofe em que se indaga sobre a composição da alma, em que também poderíamos pensar na composição do poema.

Na quarta estrofe, encontramos mais um jogo com o fazer poético. O verso “Jogo o tarô das palavras” parece uma brincadeira com a falsa ideia de falta de intencionalidade do artista ao criar um objeto artístico, já que o movimento artificial construído pelo artista é resultado do seu trabalho com a linguagem e não fruto do acaso, o que fica expresso no verso seguinte: palavras molhadas em suor e lágrimas. “O corpo respira oxigênio, / Vírus e vampiros sonham / com sangue e carne humana.” Nos últimos versos que representam o fim de tudo, manifesta-se o lado hermético do poema e também do seu autor.

Gonçalves (2011, p. 10) afirma que uma obra de arte deve ser como um mundo, onde os ingredientes que o constituem interajam. “Para tal, o artista precisa ter uma consciência semiótica, fazendo emergir uma segunda língua de manifestação expressiva”. Esse movimento de interação dá-se no poema de Carneiro conduzido pela instabilidade e incerteza do poeta diante do universo das palavras no momento da composição. Como nas grandes obras de arte, o movimento se instaura no poema por um trabalho interno com a linguagem, um intenso trabalho de modulação. Quando o signo deixa de ser percebido como substância e atinge o seu plano formal, a mobilidade se evidencia.

3 - Conclusão

Em “Heisenberg me Olha”, o procedimento composicional de André Carneiro evoca o fenômeno de modulação observado por Gonçalves, a citar, a modulação, a motivação do signo, o seu esvaziamento, e a sua transposição para o universo da invenção estética. A incerteza reiterada por diversos semas perpassa todo o poema em movimentos circulares

como o dos elétrons em torno de um núcleo atômico. Como no poema, as palavras não estão ligadas a referentes diretos, isso as tornam incertas e múltiplas. É comum na obra de André Carneiro que os campos semânticos se cruzem e façam girar em cada texto, numa estranha ordem ou sequência, certa proliferação de descontínuos, garantindo como estrutura ideal a desarticulação. No poema analisado, Carneiro parte da Física Quântica para construir um universo de sentidos, onde existem semas positivos e negativos que, orbitando outros semas, parecem chocar-se uns com os outros, gerando ao mesmo tempo tanto novas cadeias de sentidos, como obliterações aos significados primeiros dos signos. Como partículas físicas, os semas movimentam-se, representando a própria mobilidade do signo.

Referências Bibliográficas

CARNEIRO, André. **Quânticos da Incerteza**. Atibaia: Redijo, 2007.

CARNEIRO, André. **Introdução ao estudo da *science fiction***. São Paulo: Imprensa do Estado, 1968.

DUARTE, Osvaldo Copertino. **O Estilo de André Carneiro**. São Paulo. 1996. Dissertação de Mestrado. UNESP – Universidade Estadual Paulista. FCLAs – Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

GONÇALVES, Aguinaldo. **Signos (em) Cena**. São Paulo: Ateliê, 2011.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

TABORDA, Sérgio M. M. **Física Quântica**. Caixias do Sul: Universidade Caixias do Sul, 2003. Disponível em http://hermes.ucs.br/ccet/defq/naeq/material_didatico/textos_interativos_28.pdf Acesso em: 15 de maio de 2018.

VALÉRY, Paul. Poesia, pensamento abstrato. In: **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

